

CORPO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: MARCAS DO DESEJO NA ADOLESCÊNCIA FEMININA

Emily Cabral dos Santos; Ana Carolina Alves de Lima; Desyrée Amanda Laport Maciel
Ribeiro

Dias; Thyanne Guilherme Calixto; Jeane Félix

Universidade Federal da Paraíba
emilycabraldossantosmeireles@gmail.com
acalima90@gmail.com
dias_desyree@hotmail.com
thyanneguilhermecalixto@gmail.com
jeanefelix@gmail.com

Resumo: A questão “*Para você, o que é sexualidade*” Consiste na inquietação central do presente trabalho, que reflete sobre a Educação Sexual de adolescentes do sexo feminino no contexto social e educacional, buscando perceber como essas meninas vivenciam a sexualidade e quais dúvidas apresentam no tocante ao corpo e ao sexo. A presença feminina em sociedade, dentro de cada particularidade, por vezes, é marcada por questões de cunho patológico, moral e religioso, com papéis predefinidos, que influenciam de forma negativa na constituição da sexualidade humana, especificamente, das meninas e mulheres, que tem um histórico de profunda opressão, marginalização e violência. Assim, este estudo foi motivado ao constatar o lugar que a sexualidade ocupa na educação feminina em detrimento as relações de gênero. Para aprofundar essas questões, utilizou-se como caminho metodológico a revisão bibliográfica no diálogo acerca dos corpos, gênero, sexualidades e educação. No processo de coleta de dados, optou-se pela aplicação de questionário semiestruturado, que segundo Marconi e Lakatos (2012) se refere a uma sequência de perguntas abertas e fechadas a serem respondidas sem a intervenção do(a) pesquisador(a). A amostra foi composta por 12 estudantes do sexo feminino da rede pública de João Pessoa, do sexo feminino, entre 14 e 17 anos, cursando o 9º ano do ensino fundamental. Os resultados da pesquisa nos levam a pensar que as marcas do desejo por conhecer a si, seu corpo e a sexualidade continuam marcados pela reprodução de discursos carregados de valores e padrões criados, que marginalizam ainda mais a condição das mulheres no que concerne a sua sexualidade, o que foi evidenciado nas respostas e omissão destas pelas adolescentes.

Palavras-chave: Gênero, corpo feminino, adolescência, educação sexual.

Introdução

O corpo feminino, historicamente, tem sido alvo de modelos, regras, padrões e condutas, que vão posicionando o que é possível às mulheres em cada lugar e tempo. Atualmente, o padrão desejado às mulheres, indicam que elas devem ser: magras, altas, baixas, seios fartos, quadris largos, cintura

fina, corpos malhados, sensuais, entre outros requisitos no alcance dos padrões de beleza vendidos pela mídia televisiva, revistas e catálogos, conduzindo centenas de mulheres e, até mesmo, jovens a sujeitar-se a procedimentos estéticos para enquadrarem-se às regras. Na adolescência, tais questões perpassam as relações afetivas e sociais que meninas estabelecem, as mesmas que enxergam seu corpo, desejos e sexualidade de acordo com as experiências no decorrer de sua vida, uma vez que, o discurso sobre a sexualidade circula em todos os espaços de convívio social e, como ressalta Nunes (2005, p. 115), “nesse falar de sexo existe ainda uma diversidade de discursos que se confundem, antagonizam e aumentam ainda mais a necessidade de se buscar elementos, significações, para a sexualidade humana”.

Assim, apesar desse tema ter se tornado frequente entre as pessoas, a sexualidade humana deve ser tratada distante de discriminação relacionadas a sexo, gênero, orientação sexual, idade, raça, classe social, religião ou incapacidade física/emocional, para finalmente, opor-se aos aparelhos repressivos. Para isso, torna-se indispensável pensar a sociedade em que se vive a fim de discutir sobre corpo e sexualidade, sobretudo, o corpo feminino na história, que retrata como as mulheres vivenciavam a sua sexualidade e, os efeitos que o patriarcado causou nas relações entre os sexos, visto que, como afirma Saffioti (2015, p. 49) “o patriarcado não abrange apenas a família, mas atravessa a sociedade como um todo”.

Nesta perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo refletir acerca da Educação Sexual que as estudantes de uma escola pública de João Pessoa recebem, quais seus conhecimentos sobre a temática e como vivenciam-na. Além disso, buscou-se também, compreender: *O que elas entendem por sexualidade? Com quem conversam? Quais suas dúvidas? Que Educação Sexual recebem? Como a escola se posiciona no tocante a sexualidade das adolescentes?* Questões essas que constituíram as indagações iniciais acerca da temática tratada e que foram indagadas com as adolescentes informantes desta pesquisa.

Metodologia

O caminho metodológico escolhido para a construção deste artigo, foi o levantamento bibliográfico e coleta de dados a respeito das dimensões da sexualidade, gênero, corpo feminino e educação, utilizando autores(as) como Furlani (2011), Nunes (2005), Louro (1997). Entende-se como coleta de dados, o

método que o pesquisador pode adotar quando se utiliza documentos, a observação de comportamentos ou então a informação dada pelo próprio sujeito entrevistado, sendo ela oralmente (entrevistas) ou de forma escrita (questionários) para se chegar a um consentimento sobre o assunto que fora pesquisado/estudado.

Aplicou-se um questionário semiestruturado contendo 9 questões abertas e fechadas sobre gênero, sexo e sexualidade, com 12 alunas da turma de 9º ano do Ensino Fundamental (séries finais), com faixa etária entre 14 e 17 anos, de uma escola pública no município de João Pessoa - PB. O instrumento utilizado segundo Marconi e Lakatos (2012) consiste em uma sequência de perguntas previamente elaboradas a serem respondidas sem a intervenção do(a) pesquisador(a). Segundo Demo (2002), em termos cotidianos, pesquisa não é um ato isolado, intermitente, especial, mas atitude processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem. [...] Faz parte do processo de informação, como instrumento essencial para a emancipação.

Momento da aplicação do questionário na escola



Fonte: Arquivo pessoal

A aplicação deste questionário ocorreu na turma de 9º ano, com adolescentes de ambos os sexos no cumprimento de uma atividade realizada no componente curricular Educação Sexual, no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, no qual, visitamos uma escola com o objetivo de aplicar

uma Oficina sobre Sexualidade. O critério de escolha de nossas informantes consistiu nas estudantes que se identificaram como gênero feminino, assim, com a finalidade de observar qual o conhecimento delas acerca do tema Sexualidade e como vivenciam-na em suas relações, buscou-se unir os resultados dos questionários aos aportes teóricos a fim de suscitar uma discussão sobre a sexualidade na adolescência.

Resultados e Discussões

Os resultados e discussões são frutos da revisão bibliográfica feita acerca da temática tratada, unindo a aplicação do questionário semiestruturado. Gil (1999, p. 128) define questionário, como: “Como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Com isso, o uso da pesquisa semiestruturada é interessante, porque também nos possibilita compreender melhor os itens essenciais e inerentes dessa intervenção realizada na escola, uma vez que o contato próximo do sujeito pesquisado com o pesquisador deve se acontecer através do questionário.

No processo de análise dos dados, notou-se o grande número de ausência de respostas, sobretudo, nas questões que se referiam as dúvidas que as estudantes tinham sobre sexualidade e quais assuntos gostariam que fosse abordado na escola. Em nossa compreensão, essa ausência constitui-se também em resposta, segundo Nunes (2005) há uma opressão contida no silêncio sobre a sexualidade, em consequência das experiências dessas jovens, em que aspectos como a vergonha, aprisionamento de desejos, ideia de pecado, falta de autonomia e liberdade são comuns e também, como cita Furlani (2008) das oito abordagens diferentes para serem utilizadas em salas de aula, a predominante é a biológico-higienista, onde é dada ênfase ao determinismo biológico e à prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e reprodução humana, contribuindo para as desigualdades de gênero e sexuais.

A fim de discorrer sobre os aspectos do corpo e sexualidade da mulher, o questionário foi composto por questões que priorizavam as experiências das informantes sobre a temática, como mostra o quadro abaixo:

1. Para você, o que é **sexualidade**? Escreva as suas breves impressões sobre esse tema.
2. Quando você tem alguma dúvida ou curiosidade sobre sexualidade ou sexo você conversa com quem?
 - () Pais
 - () Amigos
 - () Professores/as
 - () Procuo na internet
 - () Outras pessoas _____
3. Em sua opinião, com que idade se deve:
 - a) Começar a namorar? _____
 - b) Ter a primeira relação sexual? _____
4. Na sua escola você já participou sobre alguma atividade que discutisse ou debatesse sobre Sexualidade?
 - () Sim
 - () Não
5. Você acha que na escola deveria desenvolver atividades e/ou projetos sobre educação sexual e gênero?
 - () Sim
 - () Não
6. Que assuntos ou temas você gostaria que fossem abordadas e desenvolvidas sobre sexo e sexualidade na oficina pedagógica?
7. Você já presenciou alguma experiência discriminatória ou preconceituosa na escola que você estuda que envolvesse assunto da sexualidade? Conte-nos um pouco como foi.
 - () Sim () Não
8. Que assuntos você gostaria que fosse discutido na sua escola sobre Sexualidade e Educação Sexual?
9. Que pergunta você gostaria de fazer e não tem coragem? Escreva aqui a sua pergunta. Não precisa se identificar.

Na primeira questão apresentada às estudantes, quase de forma geral, nossas informantes relacionaram sexualidade ao sexo propriamente dito, à relação sexual. Tal concepção caracteriza-se, também, no pré-julgamento que muitas pessoas fazem baseadas na palavra, sem sequer procurar saber seu significado, como mostramos abaixo, no recorte dessa questão.

Tal confusão ocorre em razão da reprodução de discursos de ordem biológica-higienista e moral-tradicionista (FURLANI, 2008), que reduzem a sexualidade aos aparelhos reprodutores, além dos discursos que defendem a educação sexual como dever exclusivo da família, privando e omitindo informações, censurando e silenciando dúvidas apresentadas por crianças e adolescentes, resultando na renovação das ferramentas de controle sexual. Assim, é comum ouvir frases como

“Isso não é coisa de moça de família”, “safadeza”, “Isso é pecado!”, “Você não pode falar isso”, “Onde você ouviu isso? Não repita nunca mais!”, “Moça que se dá ao respeito não fala sobre essas coisas”, a partir desses exemplos, percebe-se a ausência de informações corretas e claras sobre sexualidade, para não reproduzir velhos discursos.

Outro aspecto observado nos questionários, foi que dentre os 12 aplicados, apenas 5 ficaram com a primeira questão em branco, o que nos leva a cogitar o “porquê” as estudantes não escreveram suas impressões acerca do assunto, às vezes, por vergonha, achar que será exposta na escola, ou até mesmo, por julgar não ter conhecimento, além das preocupações morais, do medo e da culpa, que se apresentam como uma nova inquietação entre as pessoas (NUNES, 2005).

Após a impressão inicial, questionamos às estudantes sobre as pessoas com quem conversam quando surgem dúvidas sobre a sexualidade, apesar das variações, o maior número de informantes assinalou que buscavam amigas quando tinham dúvidas sobre sexo e sexualidade. À vista disso, observa-se que a troca de informações e experiências ocorrem entre meninas da mesma faixa etária e ciclo de convivência, tornando a escola espaço propício nessa discussão, assim, oferecer aos docentes cursos de formação continuada na área da sexualidade é de suma importância, uma vez que, existe um déficit na formação inicial.

Com isso, entende-se que o contexto escolar necessita de debates acerca da sexualidade, discussões que devem ser

voltadas sobre o ponto de vista da violência, seja econômica, física, emocional, moral ou material. Nunes (2005) propõe um discurso lúdico sobre a sexualidade, como forma de superar um discurso autoritário, padronizado e carregado de preconceitos. Sobre isso, Furlani (2008) ressalta nas abordagens para a Educação Sexual, o direito à saúde sexual e orientações sobre prevenção de problemas e doenças sexuais. A partir dessas orientações, se torna possível oferecer a jovens e adolescentes informação sexual científica e dentro dos preceitos éticos.

Conclusão

Com base na discussão, evidenciou-se que o silenciamento e desejo por conhecer a si, seu corpo e a sexualidade seguem marcados pela reprodução de discursos carregados de valores morais conservadores e religiosos, que marginalizam e repreendem ainda mais a condição das mulheres no que concerne a sua sexualidade. Tais aspectos, notórios nas respostas e omissões das adolescentes, são resquícios do patriarcado que continua a perpetuar nas relações afetivas sexuais e sociais, resultando na manutenção dos preconceitos, discriminação, misoginia e opressão, sobretudo, nas mulheres e sua liberdade sexual.

Nesta perspectiva, o ambiente escolar pode contribuir no tocante a sexualidade, abordando aspectos históricos do modelo social ocidental e sua relação, apontando as transformações, traumas, repressões, superações e, por fim, como esse assunto é abordado atualmente. Para isso, utilizar uma metodologia que a análise da realidade social através da história e dos direitos humanos, sobretudo, no que tange ultrapassar tais dimensões, como religiosas, psicanalítica, psicológica, e a sexualidade passe a ser discutida em seu aspecto estrutural e de poder, nos níveis: econômico, político, moral e social.

Sexualidade surge como uma relação entre a consciência que o indivíduo tem de si mesmo e a que os teóricos desejam explorar. Além disso, reiterando o direito à Educação Sexual livre e sem preconceitos e discriminações, para alcançar uma relação saudável e empoderada, tanto entre corpo-indivíduo, quanto nas demais relações afetivas e sociais.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, M. E. P; ANDRADE, F. C. B; JUNQUEIRA, R. D. **Gênero e diversidade sexual:**

um glossário. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2009. p.56.

DEMO, Pedro. **Pesquisa princípio científico e educativo**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2005. Biblioteca da Educação. Série 1. Escola, v. 14.

FURLANI, Jimena. Abordagens contemporâneas para a educação sexual. In: FURLANI, Jimena (Org.). **Educação sexual na escola: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnicoracial numa proposta de respeito às diferenças**. Florianópolis, UDESC, 2008, p. 18-42.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1997.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. 7. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015, p.160.